



# Solar

## Introdução

Tanto a linguagem escrita como a linguagem oral, representam a arte de narrar algo que faz parte da natureza humana ou, ao contrário, algo que está presente na imaginação de quem conta a história. No caso da escrita, a narrativa literária pode tomar a forma de romance, novela, conto ou crônica, por exemplo. Todas elas contam uma história, têm enredo (conexão entre os fatos), têm personagens para "dar vida" à história, têm espaço (lugar onde os fatos ocorrem), e têm tempo - passado, presente ou futuro. Normalmente, apenas um deles é escolhido. Alguns autores mesclam essa temporalidade, mostrando a evolução da história e de seus personagens ao longo dos anos. Além da escolha do gênero literário tem-se, ainda, a escolha das escolas literárias. O gênero é definido pela forma básica de apresentação do texto: uma poesia, um poema, uma crônica. As escolas literárias são, por exemplo, o romantismo, o arcadismo, o barroco, o parnasianismo, o modernismo dentre inúmeras outras. Cada uma representa um período histórico e suas respectivas influências sobre o idioma falado e escrito. Porém, independente do formato e da escola, a linguagem literária é

caracterizada por regras claras, cujo objetivo é desenvolver, progressivamente, a competência na comunicação escrita de forma mais elaborada,

Fernando Pessoa, poeta português, nasceu em Lisboa em 13 de junho de 1888. Órfão aos 2 anos de idade, a mãe casou-se novamente com o cônsul português em Durban, África do Sul. Na África do Sul, Fernando frequentou a high school de Durban e recebeu o prêmio Rainha Vitória de estilo inglês, em 1903, no exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança. Ao regressar à Lisboa, trabalhou como tradutor e correspondente em diversas empresas comerciais; ao mesmo tempo em que se dedicava intensamente à literatura. Matriculou-se na Escola Superior de Letras, mas não concluiu. Participou da publicação de várias revistas literárias, entre elas, o Orpheu. A obra de Fernando Pessoa divide-se em ortônima, publicada sob seu próprio nome; e heterônima, publicada sob o nome de diferentes poetas que ele criou. São seus heterônimos: Alberto Caeiro, poeta simples e de pouca escolaridade, inspirado na vida do campo e temática bucólica, que transmite aos outros homens idéias, sem que os interessados tenham lido algo sobre ela. Alguns apresenta poemas melancólicos e sóbrios,

exemplos são de episódios de trabalho e civilização

Poema de Fernando Pessoa

cessa a adosedeu pe xdu is a se re p i a r t h a p e r ç ã o n e m é Álvaro

Entrepostas, e imediatamente as presedonalab Alijêrda cãos

Não Sei Quantas Almas Tenho (Fernando Pessoa)

paerela brasitiosa a oastana epiesia e vama adobe an de

pa calet istans ineboliba. i P e s t e r i o t e m a t e o e l a , c a r t e d e

Não sei quantas almas tenho

Alberto Casarandor Pessoa te, em o n t r i a d o d i m e s t o r a e

Cada momento mudei

o n t e m a n o v e s a l o p r o d u ç ã o é r o e t a c a . Á T V a A l g a s s a s a

Continuamente me estranho

o b a s o s e s t a r o s e n d o e s t e p e d i a s p e n a m a s d r a t a d u z e r d e u m a

Nunca me vi nem acabei

n a c a s t a d a d e s e s p e c i a l s , p e r f l o r p o b l e m t a n t o B r a i l l e

De tanto ser, só tenho alma

l s a p e r e a d a e s m p a t e m a p o l a n t e e l a v i e l e N o B r a s i l a

Quem tem alma não atem calma

o b g a s p o s s a r a n d o P e s s o a t e , e m o n t r i a d o d i m e s t o r a e

Quem vê é só o que vê. Quem sente não é quem é,

p o s s a r a , e t a m e m , e s t r e v e i t o s . G r a n d e s e m f i t a s d e

Atento ao que sou e veio. Torno-me eles e não eu

o a d i o . O n t r i o r o a n a s r e c m u l a t o s d e A t o p o r a d a e s , d o i s

Cada meu sonho ou desejo

g u a r d e s a u t a r e s q u e f a z e o s i a s d a Á l i v r a G e m p l o t e r á r i a

E do que nasce e não meu

S a e n t a s m u n d a t u r a s , P e l a r a s i n g e l e s a m d é d i t a s , a s

Sou minha própria paisagem;

o u v a s f a z e i n t a s m e d e b o a 1 9 7 4 p r o s t a o p o e s t e 1 9 7 1 , m u i t o s

Assisto à minha passagem. Diverso, móbil e só. Não

B e n j a m i n ( 1 9 2 0 ) e B o u t a P e s a s 2 0 6 3 e g o F e o A n d a r d a r d o

sei sentir-me onde estou.

S o a r e s . 2 0 0 1 a n o d a P e s s o a ç ã o r o h i t e u á r i a L e s i n o c a n a i s 3 0 e 3 0

Por isso, alheio, vou lendo Como páginas, meu ser. O

n o v e o s p e d i d e é e l e s , a c e p t a o p e s s o a g a o b a a t a d 9 0 1 1 , p u b l i c a d a

que soque não prevendo. O que passou a esquecer

e m 3 5 u , a M a r a M a d e , ( p o i s s e e c e p t a e s e r a A d e 2 7 1 9 3 6 ) .

Nota à margem do que li O que julguei que senti

p a p e r s f a t a r e n s a b e r . E s c e v o n s e g u a n d o u a s d e g r a s a t o r e s

Releio e digo: "Fui eu?" Deus sabe, porque o escreveu.

e n t r e l a s i a s c o m p a r t e c i d a s q u e s v a o m p a s n ã o s ã o

estudante, mas o futuro profissional.

## Poemas da amiga (Mário de Andrade)

A tarde se deitava nos meus olhos

E a fuga da hora me entregava abril,

Um sabor familiar de até-logo criava

Um ar, e, não sei porque, te percebi.

Voltei-me em flor.

Mas era apenas tua lembrança.

Estavas longe doce amiga e só vi no perfil da cidade O

arcanjo forte do arranha-céu cor de rosa,

Mexendo asas azuis dentro da tarde.

Quando eu morrer quero ficar,

Não contem aos meus amigos,

Sepultado em minha cidade, Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora, No Paissandu

deixem meu sexo,

Na Lopes Chaves a cabeça Esqueçam.

No Pátio do Colégio afundem

O meu coração paulistano: Um coração vivo e um

defunto Bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido Direito, o esquerdo nos

Telégrafos, Quero saber da vida alheia Sereia.

O nariz guardem nos rosais, A língua no alto do

Ipiranga Para cantar a liberdade. Saudade... Os olhos

lá no Jaraguá Assistirão ao que há de vir, O joelho na

Universidade, Saudade... As mãos atirem por aí, Que  
desvivam como viveram, As tripas atirem pro Diabo,  
Que o espírito será de Deus. Adeus.

### Manuel Bandeira

Filho do engenheiro Manuel Carneiro de Sousa Bandeira e de sua esposa Francelina Ribeiro, era neto paterno de Antônio Herculano de Sousa Bandeira, advogado, professor da Faculdade de Direito do Recife e deputado geral na 12ª legislatura. Tendo dois tios reconhecidamente importantes, sendo um, João Carneiro de Sousa Bandeira, que foi advogado, professor de Direito e membro da Academia Brasileira de Letras e o outro, Antônio Herculano de Sousa Bandeira Filho, que era o irmão mais velho do engenheiro Sousa Bandeira e foi advogado, procurador da coroa, autor de expressiva obra jurídica e foi também Presidente das Províncias da Paraíba e de Mato Grosso. Seu avô materno era Antônio José da Costa Ribeiro, advogado e político, deputado geral na 17ª legislatura. Costa Ribeiro era o avô citado em Evocação do Recife. Sua casa na rua da União é referida no poema como "a casa de meu avô". No Rio de Janeiro, para onde viajou com a família, em função da profissão do pai, engenheiro civil do Ministério da Viação, estudou no Colégio Pedro II (Ginásio Nacional, como o chamaram os primeiros republicanos) foi

aluno de Silva Ramos, de José Veríssimo e de João

## ANEL DE VIDRO

Ribeiro, e teve como condiscípulos Álvaro Ferdinando

Sousa da Silveira, Antenor Nascentes, Castro

Aquele pequenino anel que tu me deste, - Ai de mim -  
Menezes, Lopes da Costa, Artur Moses. Em 1904

era vidro e logo se quebrou... Assim também o eterno  
terminou o curso de Humanidades e foi para São

amor que prometeste, - Eterno! era bem pouco e cedo  
Paulo, onde iniciou o curso de arquitetura na Escola

se acabou.  
Politécnica de São Paulo, que interrompeu por causa

da tuberculose. Para se tratar buscou repouso em

Fragil penhor que foi do amor que me tiveste,  
Campos do Jordão, Campanha e outras localidades de

Símbolo da afeição que o tempo aniquilou, - Aquele  
clima mais ameno. Com a ajuda do pai que reuniu

pequenino anel que tu me deste, - Ai de mim - era  
todas as economias da família foi para a Suíça, onde

vidro e logo se quebrou.  
estive no Sanatório de Clavadel. Manuel Bandeira

faleceu no dia 13 de outubro de 1968, com hemorragia

Não me turbou, porém, o despeito que investe  
gástrica, aos 82 anos de idade, no Rio de Janeiro, e foi

Gritando maldicões contra aquilo que amou. De ti  
sepultado no mausoléu da Academia Brasileira de

conservo no peito a saudade celeste... Como também  
Letras, no Cemitério São João Batista, no Rio de

guardei o pó que me ficou Daquele pequenino anel que  
Janeiro.

tu me deste

## A Estrela (Manuel Bandeira)

Vi uma estrela tão alta,

Vi uma estrela tão fria!

Vi uma estrela luzindo

Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!

Era uma estrela tão fria!

Era uma estrela sozinha

Luzindo no fim do dia.

Por que da sua distância

Para a minha companhia

Não baixava aquela estrela?

Por que tão alta luzia?

E ouvi-a na sombra funda

Responder que assim fazia Para dar uma esperança

Mais triste ao fim do meu dia.



## Carlos Drummond de Andrade

Nasceu em Itabira do Mato Dentro - MG, em 31 de outubro de 1902. De uma família de fazendeiros em decadência, estudou na cidade de Belo Horizonte e com os jesuítas no Colégio Anchieta de Nova Friburgo RJ, de onde foi expulso por "insubordinação mental". De novo em Belo Horizonte, começou a carreira de escritor como colaborador do Diário de Minas, que aglutinava os adeptos locais do incipiente movimento modernista mineiro. Ante a insistência familiar para que obtivesse um diploma, formou-se em farmácia na cidade de Ouro Preto em 1925. Fundou com outros escritores A Revista, que, apesar da vida breve, foi importante veículo de afirmação do modernismo em Minas. Ingressou no serviço público e, em 1934, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi chefe de gabinete de Gustavo Capanema, ministro da Educação, até 1945. Passou depois a trabalhar no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e se aposentou em 1962. Desde 1954 colaborou como cronista no Correio da Manhã e, a partir do início de 1969, no Jornal do Brasil. O modernismo não chega a ser dominante nem mesmo nos primeiros livros de Drummond, Alguma poesia (1930) e Brejo das almas

(1934), em que o poema-piada e a descontração sintática pareceriam revelar o contrário. A dominante é a individualidade do autor, poeta da ordem e da consolidação, ainda que sempre, e fecundamente, contraditórias. Torturado pelo passado, assombrado com o futuro, ele se detém num presente dilacerado por este e por aquele, testemunha lúcida de si mesmo sobrevivente dos quatro filhos do casal. O pai faleceu e do transcurso dos homens, de um ponto de vista três meses antes do seu nascimento e sua mãe melancólico e cético. Mas, enquanto ironiza os costumes e a sociedade, asperamente satírico em seu criada por sua avó, Jacinta Garcia Benevides. Concluiu o curso primário em 1910, na Escola Estácio de Sá, requinte construtivo à comunicação estética desse modo de ser e estar. Vem daí o rigor, que beira a obsessão. O poeta trabalha sobretudo com o tempo, feito todo o curso com "distinção e louvor". Diplomou-se em sua cintilação cotidiana e subjetiva, no que destila-se no Curso Normal, em 1917, passou a exercer o curso corrosivo. Em Sentimento do mundo (1940), em José (1942) e sobretudo em A rosa do povo (1943), Distrito Federal. Dois anos depois, em 1919, publicou seu primeiro livro de poesias, "Espectros". Seguiram-se "Nunca mais" e "Poema dos Poemas", em 1923, e "Baladas para El-Rei", em 1925. Nesse meio tempo descobrindo na luta a explicitação de sua mais íntima casou-se, em 1922, com o pintor português Fernando Drummond lançou-se ao encontro da história contemporânea e da experiência coletiva, surpreendente sucessão de obras-primas, nesses livros, indica a plena maturidade do poeta, mantida atriz teatral consagrada. De 1930 a 1931, manteve no



poesia e literatura brasileira. Recebeu diversas  
Retrato (Cecília Meireles)  
honorarias, como a Ordem de Mérito do Chile, e o título  
de Doutora Honoris Causa da Universidade de Nova  
York. Eu não tinha este rosto de hoje. Assim calmo, assim  
triste, assim magro. Nem estes olhos tão vazios. Nem  
Dethi, na Índia. Recebeu o Prêmio de Tradução/Teatro,  
o lábio amargo,  
concedido pela Associação Paulista de Críticos de  
Arte, em 1962 e, no ano seguinte, ganhou o Prêmio  
Jabuti de Tradução de Obra Literária, pelo livro  
"Poemas de Israel", concedido pela Câmara Brasileira  
de Livros. No ano de sua morte, recebeu ainda o Jabuti  
de poesia pelo livro "Solombra", e, postumamente, em  
1965, o Prêmio Machado de Assis, da Academia  
Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra.  
Eu não dei por esta mudança. Tão simples, tão certa,  
tão fácil; - Em que espelho ficou perdida a minha  
face?

## Um pouco sobre Ronald de Carvalho:

Nascido no Rio de Janeiro, em 1893, cidade onde realizou os seus estudos, inclusive os de direito, aí também faleceu em 1935, vítima de um desastre de automóvel, ocupando na ocasião o cargo de Secretário da Presidência da República. Estudou também na Europa e, seguindo a carreira diplomática, esteve nos mais altos postos possibilitados pelo Itamarati. Com Luís de Montalvor, fundou a revista "Orfeu", que adotava como nomes tutelares Camilo Pessanha, Verlaine e Malharmé, de um lado, e de outro, Walt Whitman, Marinetti e Picasso. Participou da Semana de Arte Moderna, tendo declamado no palco do Teatro Municipal, além dos seus versos de Manuel Bandeira e de Ribeiro Couto. O poeta dedicou-se ao ensaísmo, à crítica, aos estudos de história da literatura e dos problemas brasileiros, estéticos e políticos.

## MEIO –DIA (Ronald de Carvalho)

Choque de claridades Palmas paradas Brilhos  
saltando nas pedras enxutas. Batendo de chofre na  
luz as andorinhas levam o sol na ponta das asas!

Inscrição para o corpo de uma mulher virgem teu  
corpo foi como a noite no alto da montanha, a noite  
cheia de papoulas, a noite cheia de mato fresco e  
vozes silvestres.

Teu corpo foi úmido como as plantas que nascem  
pelo chão, como as avencas alongadas sobre os rios,  
como o ar arrepiado e subtil antes da chuva.

Teu corpo foi misterioso como um Valle, como um  
Valle cheio de silencio. Teu corpo foi inútil como um  
longo dia de tédio...

## Épura (Ronald de Carvalho)

Geometrias, imaginações destes caminhos da minha terra! Curvas de trilhas, triângulos de asas, bolas de cor...

Círculos de sombras agachadas entre as árvores, cilindros de troncos embebidos na luz.

Geometrias, imaginações destes caminhos da minha terra!

Melancolicamente, nesta alegria geométrica, pingando bilhas polidas, o leque das bananeiras abana o ar da manhã .

## Carlos Drummond de Andrade

Nasceu em Itabira do Mato Dentro - MG, em 31 de outubro de 1902. De uma família de fazendeiros em decadência, estudou na cidade de Belo Horizonte e com os jesuítas no Colégio Anchieta de Nova Friburgo RJ, de onde foi expulso por "insubordinação mental". De novo em Belo Horizonte, começou a carreira de escritor como colaborador do Diário de Minas, que aglutinava os adeptos locais do incipiente movimento modernista mineiro. Ante a insistência familiar para que obtivesse um diploma, formou-se em farmácia na cidade de Ouro Preto em 1925. Fundou com outros escritores A Revista, que, apesar da vida breve, foi importante veículo de afirmação do modernismo em Minas. Ingressou no serviço público e, em 1934, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi chefe de gabinete de Gustavo Capanema, ministro da Educação, até 1945. Passou depois a trabalhar no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e se aposentou em 1962. Desde 1954 colaborou como cronista no Correio da Manhã e, a partir do início de 1969, no Jornal do Brasil. O modernismo não chega a ser dominante nem mesmo nos primeiros livros de



Drummond, *Alguma poesia* (1930) e *Brejo das almas* (1934), em que o poema-plada e a descontração sintática pareceriam revelar o contrário. A dominante (...) Pois de tudo fica um pouco. Fica um pouco de teu e a individualidade do autor, poeta da ordem e da queixo no queixo de tua filha. De teu áspero silêncio consolidação, ainda que sempre, e fecundamente, um pouco ficou, um pouco nos muros zangados, nas contraditorias. Torturado pelo passado, assombrado folhas, mudas, que sobem. com o futuro, ele se detém num presente dilacerado por este e por aquele, testemunha lúcida de si mesmo. Ficou um pouco de tudo no pires de porcelana, dragão e do transcurso dos homens, de um ponto de vista partido, flor branca, ficou um pouco de ruga na vossa melancólico e cético. Mas, enquanto ironiza os testa, retrato. (...). costumes e a sociedade, asperamente satírico em seu amargor e desencanto, entrega-se com empenho e E de tudo fica um pouco. Oh abre os vidros de locão e requinte construtivo a comunicação estética desse abafa o insuportável mau cheiro da memória, modo de ser e estar. Vem daí o rigor, que beira a obsessão. O poeta trabalha sobretudo com o tempo, em sua cintilação cotidiana e subjetiva, no que destila do corrosivo. Em *Sentimento do mundo* (1940), em *José* (1942) e sobretudo em *A rosa do povo* (1945), Drummond lançou-se ao encontro da história contemporânea e da experiência coletiva, participando, solidarizando-se social e politicamente, descobrindo na luta a explicitação de sua mais íntima apreensão para com a vida como um todo. A surpreendente sucessão de obras-primas, nesses

livros, indica a plena maturidade do poeta, mantida

Não deixe o amor passar (Carlos Drummond de sempre. Várias obras do poeta foram traduzidas para Andrade).

o espanhol, inglês, francês, italiano, alemão, sueco,

Quando encontrar alguém e esse alguém fizer seu tcheco e outras línguas. Drummond foi seguramente,

coração parar de funcionar por alguns segundos, por muitas décadas, o poeta mais influente da

preste atenção; pode ser a pessoa mais importante da literatura brasileira em seu tempo, tendo também

sua vida.

publicado diversos livros em prosa. Em mão contrária

Se os olhares se cruzarem e, neste momento, houver o traduziu os seguintes autores estrangeiros: Balzac

mesmo brilho intenso entre eles, fique alerta: pode (Les Paysans, 1845; Os camponeses), Choderlos de

ser a pessoa que você está esperando desde o dia em Lactos (Les Liaisons dangereuses, 1782; As relações

que nasceu. Se o toque dos lábios for intenso, se o perigosas), Marcel Proust (La Fugitive, 1925; A

beijo for apaixonante, e os olhos se encherem d'água fugitiva), García Lorca (Doña Rosita, la soltera o et

neste momento, perceba; existe algo mágico entre lenguaje de las flores, 1935; Doña Rosita, a solteira),

vocês. Se o primeiro e o último pensamento do seu dia François Mauriac (Thérèse Desqueyroux, 1927; Uma

for essa pessoa, se a vontade de ficar juntos chegar a gota de veneno) e Molière (Les Fourberies de Scapin,

apertar o coração, agradeça: Deus te mandou um 1677; Artimanhas de Scapin). Alvo de admiração

presente: O Amor.

Irrestrita, tanto pela obra quanto pelo seu

Por isso, preste atenção nos sinais - não deixe que as comportamento como escritor, Carlos Drummond de

loucuras do dia-a-dia o deixem cego para a melhor Andrade morreu no Rio de Janeiro RJ, no dia 17 de

coisa da vida: O AMOR. agosto de 1987, poucos dias após a morte de sua filha

única, a cronista Maria Julieta Drummond de

Andrade. [20:34:14] Rodrigo Freitas: Carlos

Drummond de Andrade

## Conclusão

Concluimos que o Modernismo no Brasil deu início entre 1910 e durou, aproximadamente até os anos 50. Três de seus principais precursores foram Anita Malfatti, Lazar Segall e Victor Brecheret, advindos de uma formação artística europeia por meio da releitura da qual, puderam propor novos padrões estéticos para a arte brasileira, até então, desprovida de um caráter propriamente nacional, causando profundo estranhamento no meio artístico habituado aos academicismos copiados de fora.

No meio do Modernismo tivemos a Primeira Guerra Mundial, que terminou por surtir no mundo e claro no Brasil principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, um surto de industrialização que obrigava a uma transformação do pensamento social.

O Modernismo brasileiro, características essas que dão a tônica de qual o enfoque esses artistas buscavam, grosso modo, para seus trabalhos, num anseio de revelar a verdadeira face da nação.